

As alegrias dos cabeleireiros e dos soldados

Lucy Kellaway

Quando estávamos no ensino fundamental, minha irmã e eu costumávamos pegar escondidas as escovas de pentear e os esmaltes de minha mãe, para pentear os cabelos e pintar as unhas uma da outra. Enquanto isso, meu irmão passava horas com seu soldado Action Man, puxando a corda em suas costas para ouvi-lo grasnar: "Tanque inimigo se aproximando!" e "Me dê cobertura!"

Mais tarde, quando deixamos de lado as coisas de criança, minha irmã e eu nos tornamos jornalistas e meu irmão corretor de valores. Mesmo assim, percebo que se tivéssemos seguido nossas inclinações iniciais as coisas poderiam ter sido muito melhores para todos nós.

Segundo uma pesquisa publicada na semana passada pela "City and Guilds", os esteticistas são os trabalhadores mais felizes do Reino Unido, com os cabeleireiros (as) e militares dividindo o segundo lugar. Bem abaixo na lista de satisfação com o trabalho aparecem os jornalistas, enquanto bem no fim dela estão os banqueiros e outros trabalhadores do setor financeiro.

Isso é surpreendente. A maioria das crianças desiste da idéia de ser cabeleireira ou militar quando entra na adolescência. Há muitas coisas nas duas profissões que são incomodas. Os esteticistas precisam eletrocutar os pêlos indesejados nos queixos das mulheres, enquanto cortar cabelo é uma coisa repetitiva, que não dá status e deixa você com a coluna ruim.

As Forças Armadas parecem ser ainda menos recomendáveis. Você fica molhado, sujo e assustado, come uma comida horrorosa e dorme em lugares desconfortáveis. Num dia ruim, você precisa matar pessoas; ou pior, você pode ser morto. Não é algo que seja terrivelmente atraente.

E não é, mesmo que você consiga um salário decente nessas atividades: cabeleireiros(as) começam com salário mínimo, e soldados começam com menos de um quarto do salário de um jovem banqueiro da City de Londres.

Então, por quê os soldados e os esteticistas são, relativamente falando, tão felizes? Por poderem se divertir com seus estereótipos sexuais? Talvez, mas eu suspeito que isso seja o menos importante.

Para cabeleireiros e esteticistas, cada dia proporciona uma oportunidade rara de fazer com que um punhado de pessoas se sintam bem melhor. Depilar as pernas ou fazer luzes no cabelo quase sempre elevam o espírito. Meu cabeleireiro se vê não só como um artesão, mas também como um terapeuta. Nossas conversas são as mais satisfatórias possíveis: amigáveis, íntimas e impessoais ao mesmo tempo.

O retorno que os cabeleireiros conseguem é quase sempre bom. Nem mesmo quando erram em seu cabelo e segura no espelho bem alto para que você não consiga enxergar a nuca, você diz "Ah não! Você me deixou com a cara da Margareth Thatcher!". Você se segura e diz:

"Adorei, muito obrigado."

No Exército, a satisfação no trabalho assume uma forma diferente. Não existe essa coisa de retorno fornecido pelo cliente, mas conforme disse o Príncipe Harry depois de sua passagem pelo Afeganistão: "Quem diz que não gosta do Exército é louco. É o melhor emprego que alguém pode querer. Ele tem tanta coisa a oferecer."

Segundo ele, além os amigos, o tempo passa bem rápido, especialmente quando se está levando tiros. "Se as coisas começam a ficar quentes, o dia passa mais rápido ainda. As pessoas que ficam em casa não entendem isso", disse ele.

Mas eu acho que posso entender. Soldados são treinados para estar sob fogo cerrado. Do mesmo jeito, cabeleireiros e esteticistas são treinados para cortar cabelos e depilar pernas. Eu acho que este é o verdadeiro motivo dos trabalhadores das duas profissões serem muito mais felizes que os outros trabalhadores. O resto de nós está insatisfeito porque apenas uma parcela diminuta do dia é gasta fazendo o que supostamente deveríamos fazer. O resto é esbanjado em reuniões, envio de e-mails sem sentido e em tarefas insignificantes, o que nos deixa irritados e exaustos.

Cortar cabelo e o Exército são de uma hierarquia fora de moda na melhor maneira possível. Enquanto o Exército tem seus cabos, capitães e generais, a maioria dos salões de cabeleireiros possui uma variedade desconcertante de estilistas, cada um com seu próprio título e seus preços. As fileiras significam que as pessoas sabem exatamente onde eles estão. Além disso, as duas profissões são arranjadas em pequenos grupos que trabalham próximos, o que significa que há mais conversas interessantes e camaradagem. As ordens do chefe são breves e claras, deixando quase nenhum espaço para dúvidas.

Em comparação, veja só o apuro de um banqueiro. A experiência de um cliente satisfeito é estranha para ele: na verdade a maioria de nós acredita piamente que nossos bancos nos passam a perna. Clientes de bancos de varejo precisam enfrentar horas em filas e depois falar com um caixa separado deles por um vidro à prova de balas. Nos bancos de investimento, os clientes corporativos queixam-se intermitentemente que pagam de mais pelos serviços que recebem.

Há pouca camaradagem também. Em meu trabalho escrevendo uma coluna de conselhos, recebo muita correspondência de gente da City de Londres, que escreve para dizer que seus colegas são puxa-sacos, que o trabalho é uma coisa sem sentido e implacável. Na verdade, a única coisa que vale a pena é o holerite. E, conforme disseram os Beatles, o dinheiro não pode comprar o amor ("Money can't buy me love"). Ou melhor, o dinheiro não faz você marcar "concordo plenamente" quando alguém aparece com uma prancheta perguntando se você está contente no trabalho.

E como se as coisas não estivessem ruins o suficiente, os banqueiros agora estão perdendo seus empregos. Este é o derradeiro ponto a favor dos cabeleireiros e soldados eles estão imunes ao aperto de crédito. Não importa o que aconteça com o dinheiro público, as mulheres continuarão fazendo luzes no cabelo e o país continuará tendo que ser defendido.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 13, 14 e 15 jun. 2008, Eu & Carreira p. D12.